

# Ciberespaço cubano: uma forma de resistência ao poder e à censura

Lia Luz

**Resumo:** Esta reflexão sobre a blogosfera cubana como movimento de resistência inscrito na lógica da biopotência da multidão, a partir do blog Generación Y, considerou os conceitos de biopoder e biopolítica desenvolvidos por Hardt e Negri. A análise do referido espaço nos permitiu verificar a criação de uma rede de cooperação acéfala e acentrada, capaz de proporcionar um poder difuso entre os participantes. Ao permitir esse tipo de cooperação múltipla e plural, em busca de um objetivo comum – no caso, contestar a imprensa oficial –, esse espaço possibilita a liberdade de expressão e a valorização das singularidades.

**Palavras-chave:** ciberespaço; blogs cubanos; resistência; biopoder; biopolítica

**Abstract:** *Cuban cyberspace: a form of resistance against power and censorship* – Based on the blog Generación Y, this reflection about the Cuban blogosphere as a resistant movement imprinted in the logic of the masses considers the concepts of biopower and biopolitics developed by Hardt and Negri. Our analysis of the aforementioned space reveals the creation of an acephalous and non-centered network of cooperation which is able to promote a more diffuse power amongst its participants. By allowing this kind of multiple and plural cooperation in search of a common goal, which, in this case, is opposition to the official press, the above-named cyberspace enables freedom of expression and the valorization of singularities.

**Keywords:** cyberspace; Cuban blogs; resistance; biopower; biopolitics

## Introdução

A entrada do corpo e da vida nos cálculos do poder corresponde ao que Foucault chamou de biopolítica. Entretanto, o próprio Foucault intuiu que aquilo mesmo que o

poder investia – a vida – era precisamente o que doravante ancoraria a resistência a ele, numa reviravolta inevitável. Assim, conforme veio a explicitar Deleuze, ao prolongar a análise foucaultiana, ao poder sobre a vida deveria responder a potência política da vida, capaz de operar uma resistência possível ao sequestro da vida pelo poder.

No contexto contemporâneo, essa potência da vida, segundo interpretação de Pelbart (2003), equivale à biopotência da multidão, termo cunhado por Antonio Negri e Michael Hardt na obra *Império* (2001), na qual esses autores dialogam com Foucault e Deleuze para designar o poder desse corpo coletivo, em seu misto de inteligência, conhecimento, afeto, desejo.

Conforme postulam, o Império é uma nova estrutura de comando, em tudo pós-moderna, descentralizada e desterritorializada, correspondente à fase atual do capitalismo globalizado, um capitalismo em rede, conexcionista. Caracterizado por uma navegação mais aberta e uma maleabilidade sem precedentes, esse capitalismo permite às pessoas se conectarem, ampliando o acesso a informações e multiplicando as possibilidades dessas potências da vida e de formas democráticas menos representativas.

Com base nesse cenário e a partir da análise do blog *Generación Y* ([www.desdecuba.com/generaciony](http://www.desdecuba.com/generaciony)), levantamos a hipótese de que a blogosfera cubana é uma expressão de linha de fuga, de resistência ao poder, de potência da vida e, portanto, de biopotência da multidão, por possibilitar a liberdade de expressão, a troca de saberes, a escuta e a valorização das singularidades, a partir da criação de novas formas de cooperação. Nosso objetivo é verificar de que forma o referido blog, ao participar ativamente desse espaço possível e de uma nova relação com o poder que se contesta, cria novas subjetividades coletivas.

Para entender a blogosfera cubana como um vetor de resistência, utilizaremos os conceitos de biopoder e biopolítica desenvolvidos por Hardt e Negri. Para uma compreensão melhor das ideias desses autores, discorreremos anteriormente sobre os conceitos originais nos quais eles se basearam, presentes na obra de Foucault.

Nesse percurso metodológico de revisão bibliográfica – que abordará as categorias de tecnologias de poder foucaultianas, compreendidas a partir da distinção entre sociedade disciplinar e biopolítica –, apresentaremos também a transição das sociedades disciplinares para as sociedades de controle, tomando por base as reflexões de Deleuze sobre o trabalho de Foucault.

Poderemos então apresentar a releitura dos termos “biopoder” e “biopolítica” propostas por Hardt e Negri, a partir da qual emerge o conceito de biopotência da multidão, para, enfim, defendermos a hipótese de que em torno do blog *Generación Y*, expressão maior da blogosfera cubana, nasceu uma rede de cooperação que se caracteriza pela resistência contra o poder.

## Da sociedade disciplinar à biopolítica

O surgimento do capitalismo, conforme analisou Foucault (1993; 1998; 2005), vai orquestrar uma transformação do direito político no início do século XVIII, a fim de

produzir um ser humano que possa ser ao mesmo tempo um “corpo dócil” e um corpo produtivo. Essa técnica anatomopolítica envolve toda uma eficácia física de disciplinarização do corpo, necessária à época do nascimento da revolução industrial na Europa. Em fins do século XVIII e início do século XIX, o Estado percebe que é preciso aperfeiçoar essa técnica; é quando entra em cena o outro elemento dessa sociedade. A categorização da população, da higiene, da saúde pública e da segurança fará parte desta nova forma de exercício do poder: a biopolítica (ÂNGELO, 2007).

O ponto de partida dessa genealogia foucaultiana foi a descoberta dos micropoderes disciplinares que visavam à administração do corpo individual, surgidos durante o século XVII em consonância com a gradativa formação de todo um conjunto de instituições sociais, como o exército, a escola, o hospital etc. De lá, Foucault chegaria aos conceitos de biopoder e biopolítica ao vislumbrar o aparecimento de um poder disciplinador e normalizador, que já não se exercia sobre os corpos individualizados, nem estava disseminado no tecido institucional da sociedade, mas se concentrava na figura do Estado e atuava como política estatal, que pretendia administrar a vida e o corpo da população (DUARTE, 2007).

Conforme postulou o próprio Foucault (2005), biopoder é o conjunto dos mecanismos pelos quais as características biológicas fundamentais da espécie humana vão poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Ou seja, é o modo pelo qual as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie.

Diferentemente da disciplina, que se dirige ao corpo, essa nova técnica de poder se aplica à vida dos homens, ao homem vivo, ao homem ser vivo, ao homem-espécie. Ela se dirige à multiplicidade dos homens, na medida em que forma uma massa global, afetada por processos próprios da vida, como o nascimento, a morte, a produção, a doença. Por isso, os mecanismos implantados pela biopolítica tratam de previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais, e vão intervir no nível daquilo que são as determinações desses fenômenos gerais, no que eles têm de global (FOUCAULT, 2005).

Ao contrário do grande poder absoluto, da soberania, capaz de fazer morrer e deixar viver, o biopoder sobre a “população” enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, é um poder contínuo, científico, capaz de fazer viver e deixar morrer (FOUCAULT, 2005).

Esses dois mecanismos, um disciplinar, outro regulamentador, não estão no mesmo nível, e isso permite que eles não se excluam e possam articular-se um com o outro. Por conta disso, o poder disciplinar passa, a partir da segunda metade do século XVIII, a ser complementado pelo biopoder, que embute e integra em si a disciplina, transformando-a a seu modo. O biopoder “não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes” (FOUCAULT, 2005, p. 289).

As duas espécies de poder passam a coexistir no mesmo tempo e no mesmo espaço, produzindo, nas sociedades modernas, eficácia produtiva, positividade e individualidade.

Porque, segundo defende Foucault, é o esquadramento disciplinar que, atuando sobre massas confusas e desordenadas, faz nascer uma multiplicidade ordenada no seio do qual o indivíduo emerge como alvo de poder (e do saber).

## **Da sociedade biopolítica à sociedade controle e à biopotência da multidão**

Alguns autores, partindo das reflexões de Foucault, identificaram uma transição no modo de organização do poder na nossa sociedade, que o próprio Foucault começou a perceber, mas não teve tempo para desenvolver completamente. Deleuze, principalmente, fala da passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle, características da contemporaneidade. Se as disciplinas agiam em espaços de confinamento (escolas, fábricas, hospitais, prisões), o controle se espalha por todo o tecido social. Deleuze diz que o poder não age mais como molde, como acontecia nas sociedades disciplinares, mas por modulações, flexíveis e constantemente aperfeiçoáveis.

Essa reflexão de Deleuze sobre o processo de substituição do modelo disciplinar de sociedade pelo modelo de sociedade de controle, articulada em redes de visibilidade absoluta e comunicação virtual imediata, constitui o paradigma a partir do qual Hardt e Negri (2001) formularam o conceito de Império, no centro do qual se encontra uma apropriação do conceito foucaultiano de biopolítica, redefinido agora em termos da biopotência da multidão.

O Império, conforme postulam, é uma nova estrutura de comando, em tudo pós-moderna, descentralizada e desterritorializada, correspondente à fase atual do capitalismo globalizado. Ou rizomático, conforme definição de Deleuze e Guattari (1995), segundo a qual o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços, sem ter começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda.

Essa fase do capitalismo sentenciou o fim dos Estados-nação, o que nos permite incluir até Cuba, um regime socialista, dentro dessa nova lógica, visto que, diferentemente do imperialismo, o Império é sem limites ou fronteiras: engloba a totalidade do espaço e do mundo e penetra fundo na vida das populações, nos seus corpos e mentes (PELBART, 2003).

Dito de outro modo, quando falo de Império entendo uma forma jurídica e uma forma de poder bastante diferente dos velhos imperialismos europeus. Por um lado, segundo a tradição antiga, o Império é o poder universal, a ordem mundial, que talvez se realize hoje pela primeira vez. Por outro, o Império é a forma de poder que tem por objetivo a natureza humana, portanto o biopoder. O que gostaria de sugerir é que a forma social tomada por esse novo Império é a sociedade de controle mundial. (HARDT, 2000, p. 358)

No Império, em substituição aos dispositivos disciplinares, que antes formatavam nossa subjetividade, surgem novas modalidades de controle, que funcionam através de

mecanismos de monitoramento mais difusos, flexíveis, móveis, ondulantes, incidindo diretamente sobre os corpos e as mentes, prescindindo das mediações institucionais antes necessárias. Esse novo regime de controle em espaço liso e aberto se exerce através de sistemas de comunicação, de redes de informação (PELBART, 2003).

Como a forma de comando se transformou, Hardt e Negri acreditam que o biopoder também se reformula. É esse novo biopoder, e a biopolítica correspondente, que relacionaremos com a blogosfera cubana. Conforme já sinalizou Foucault, o poder não é mais apenas repressivo e punitivo, mas se encarrega positivamente da produção e da reprodução da própria vida na sua totalidade. A partir dessa interpretação, a própria noção de vida deixa de ser definida apenas a partir dos processos biológicos que afetam a população. A vida, agora, passa a incluir a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea, o intelecto geral. Vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo.

Pelbart (2003), a partir do diálogo que estabelece com Lazzarato, afirma que a vida deixa de ser reduzida a sua definição biológica e torna-se cada vez mais uma virtualidade molecular da multidão, energia a-orgânica, corpo-sem-órgãos. Daí a inversão do sentido da biopolítica forjada por Foucault, que, agora, de poder sobre a vida passa a significar potência da vida. Essa potência da vida, no contexto contemporâneo, equivale precisamente à biopotência da multidão, termo cunhado por Hardt e Negri para designar o poder desse corpo coletivo, em seu misto de inteligência, conhecimento, afeto e desejo.

A multidão, por definição, é pura multiplicidade, ela é plural, heterogênea, centrífuga, e inclina-se a formas de democracia não representativa. A multidão, na sua configuração acentrada e acéfala, é também o oposto de massa. Esta é homogênea, compacta, contínua, unidirecional, todo o contrário da multidão: heterogênea, dispersa, complexa, multidirecional (PELBART, 2003).

Nesse contexto, emergem questões como estas: como esses elementos de virtualidade que constituem a multidão podem atingir um limiar de realização conforme o seu poder, driblando as estratégias imperiais? Em que medida, portanto, essa virtualidade pode ser máquina de inovação? Segundo os autores, é exatamente a partir da sinergia dessa multidão, da biopotência do coletivo, da riqueza biopolítica da multidão. É esse corpo vital coletivo reconfigurado pela economia imaterial das últimas décadas que, nos seus poderes de afetar e de ser afetado, desenha as possibilidades de novas formas de representação biopolítica.

## A biopotência da multidão no ciberespaço

Pierre Lévy (1996; 2002) é um dos autores que mais defendem a posição de que a transparência da web seria uma dessas formas de práticas democráticas de resistência ao poder, já que no espaço virtual há recriação do vínculo social mediante trocas de

saber, reconhecimento, escuta e valorização das singularidades, democracia mais direta e participativa, enriquecimento das vidas individuais e invenção de formas novas de cooperação e de subjetividades coletivas. Nossa hipótese é de que esse fenômeno, presente na blogosfera em geral, também pode ser encontrado na blogosfera cubana.

Ao redor do mundo, a imprensa é considerada um dos principais espaços da modernidade no qual o cidadão pode exercer seu direito de manter-se informado. Entretanto, no caso de regimes totalitários, nos quais pode ser incluída a República Socialista de Cuba, com partido único e sem eleições diretas para cargos executivos, inexistente uma imprensa livre e, portanto, fica comprometido o direito de participação do cidadão e de manter-se constantemente informado.

A eclosão do ciberespaço, aos poucos, está ajudando a mudar essa realidade, quebrando o monopólio das vozes oficiais naquele país. Enquanto em diferentes nações esse fenômeno apenas prossegue um movimento plurissecular de incremento da transparência, no caso de Cuba se reveste de fundamentais singularidades. O ciberespaço permite aos cubanos não apenas exercer – ainda que de forma tímida, em razão de diversos mecanismos ligados à censura, como o elevado preço de acesso à internet e o bloqueio, dentro da ilha, à visita de alguns sites – o direito de manter-se informados, mas também o de livre expressão.

As práticas comunicativas dos blogs mantidos por cubanos, através das listas de discussões e comentários, configuram-se como uma linha de fuga, um movimento micro-político de resistência ao poder totalitário e a sua voz uníssona. Nesses espaços, podem ser divulgadas ideias contestatórias, informações e manifestações pessoais que não teriam abrigo na imprensa oficial. Esse exercício da liberdade de expressão possibilita a ampliação do debate, elemento fundamental na construção de uma sociedade plural e democrática, e de novas subjetividades coletivas (LUZ; MORIGI, 2010).

O fato de os blogueiros cubanos citarem, em suas páginas, textos publicados nos blogs de outros colegas mostra que tais práticas comunicativas estão se constituindo numa rede de cooperação, o que nos permite aferir sua eficiência como movimento de resistência inscrito na lógica da biopotência da multidão. Essa lógica é reforçada quando percebemos que blogueiros e demais internautas que circulam por esses espaços estão conectados uns aos outros como num rizoma.

Afinal, se a multidão é essa relação entre singularidades, essa união das diferenças sem, no entanto, as homogeneizar, esse lugar comum da cooperação, e se ela inclina-se a formas de democracia não representativa, podemos identificar esses blogs como lugares que ampliam a participação e a livre expressão dos cidadãos, alargando o espaço público para o debate e a experiência da pluralidade.

## Generación Y

Dentre esses blogs, que têm em comum o fato de contestarem as informações oficiais, denunciarem a falta de liberdade de expressão, a ação dos aparelhos repressivos do

Estado, a manipulação da imprensa e as mazelas da vida cotidiana, o de maior destaque é o Generación Y, de Yoani Sánchez. Cansada das moléstias que afetam a vida da maioria dos cubanos e que não eram relatadas na televisão, nas rádios nem na imprensa oficial, a filóloga decidiu, em 2007, expor suas experiências pessoais num blog, conforme relatou em entrevista à revista *Veja*.<sup>1</sup> Símbolo da liberdade no meio de uma ditadura, o Generación Y discorre livremente sobre o cotidiano do povo cubano, a ausência de liberdade e a escassez de gêneros de primeira necessidade, oferecendo um contraponto à imprensa oficial.

Sem permissão de ter uma conexão em casa, a exemplo do que ocorre com a maioria dos cubanos, Yoani precisa busca um lugar onde possa se conectar. Inicialmente, dependia de dois cibercafés públicos, com preços, segundo ela, praticamente proibitivos, entre 5 e 6 pesos conversíveis por hora, quase um terço do salário do cubano médio, e dos hotéis, com tarifas ainda mais caras, conforme informou à *Veja*. Hoje, também dita seus textos por telefone à rede de cooperação que se criou em torno de seu blog.

Em menos de dois anos, a página foi incluída pela revista *Time* entre os 25 melhores blogs, influenciando a criação de diversos outros espaços semelhantes, porém plurais e heterogêneos, conectados entre si feito rizomas, e a inauguração, em sua própria casa, em 2009, da Academia Blogger, dedicada à formação de novos blogueiros, que não param de crescer, conforme ela própria comenta:

Como o espirro de uma gripe desejada, a blogosfera alternativa cubana não deixa de propagar-se. Já não parece a esse páramo que mostrava – se acaso – umas poucas páginas com pseudônimo em abril de 2007, quando comecei com o Generación Y. Já perdi a conta de quantos somos agora, porque a cada semana fico sabendo que nasceram, pelo menos, dois novos espaços virtuais. (SÁNCHEZ, 2009, tradução nossa)

Hospedado num servidor da Espanha, devido à impossibilidade de os cubanos terem um domínio próprio, o blog é traduzido para dezessete idiomas por voluntários de diversos países. Em entrevista à revista *Criativa*,<sup>2</sup> Yoani comentou que o blog teve 4 milhões de acessos em março de 2009, a maioria por cubanos radicados em países como Estados Unidos, Espanha e Itália. A versão oficial, em espanhol, recebeu, nos últimos dois meses de 2009, mais de 37 mil comentários, em novembro, e mais de 32 mil, em dezembro.

Em razão dessa expressividade, como voz de resistência, a jornalista foi listada entre as cem pessoas mais influentes do mundo pela *Time*, em 2008, mesmo ano em que ganhou o prêmio Ortega y Gasset de jornalismo, foi eleita pela revista *Foreign* uma das cinquenta intelectuais mais importantes do ano e incluída, pelo jornal espanhol *El País*, na lista das cem personalidades hispano-americanas mais influentes.

<sup>1</sup> Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/280508/auto\\_retrato.shtml](http://veja.abril.com.br/280508/auto_retrato.shtml)>. Acesso em: 29 maio 2010.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://revistacriativa.globo.com/Criativa/0,19125,ETT1684014-5458,00.html>>. Acesso em: 29 maio 2010.

Generación Y virou fórum de debates e ganhou notoriedade internacional, devido à quantidade de acessos, demonstrando que, por meio da rede de cooperação formada em torno dele, se consolida uma forma de resistência, a qual fortalece o sentimento de pertença dessa minoria. Através da interação com outros internautas, os blogueiros propõem outra forma de comunicação potencialmente mais criativa e democrática, à medida que tais tecnologias possibilitam maior interatividade, diálogo e pluralismo de ideias na rede, dando mais visibilidade e liberdade de expressão aos sufocados pelos aparatos de controle.

Na perspectiva da ciberdemocracia, o principal impacto da internet é contribuir para o enfraquecimento de grupos ditatoriais e fortalecer os princípios democráticos do livre acesso à informação, sem censura. Os regimes e governos autoritários conseguem bloquear ou limitar o acesso dos cidadãos aos conteúdos informativos dos sites, dos blogs, entre outras ferramentas que possibilitam a participação cidadã através do ciberespaço. Entretanto, mesmo que não tenham o livre acesso direto a essas páginas, cujos conteúdos são espalhados pelas comunidades virtuais na rede, como forma de burlar as formas repressoras de censura, os internautas e cidadãos desses países podem respirar um pouco mais aliviados, pois a rede traz consigo a utopia de um mundo mais democrático e liberto das amarras do autoritarismo ditatorial. Como afirma otimista Lévy (2002, p. 64): “Isso não é bom para as ditaduras, mas é bom para a cidadania”.

## Considerações finais

A ideia de criação de uma rede de cooperação que, embora impulsionada pelo sucesso do blog Generación Y, é, em realidade, acéfala e acentrada, proporcionando um poder mais difuso entre seus participantes, é o que caracteriza a blogosfera cubana como uma manifestação patente da biopolítica da multidão. Ao permitir essas novas formas de cooperação, múltiplas e plurais, em busca de um objetivo comum – no caso a contestação à imprensa oficial –, esse espaço possibilita a liberdade de expressão, a troca de saberes, a escuta e a valorização das singularidades.

Assim, parece consenso afirmar que as tecnologias de informação e comunicação afetaram as sociedades em escala mundial, criando novas possibilidades de conexão e cooperação, bem como um capitalismo rizomático, conexionista. Entretanto, talvez seja uma conclusão um pouco apressada dizer que elas são indispensáveis ao desenvolvimento e fortalecimento da democracia, especialmente em contextos nos quais os regimes autoritários ditatoriais ganharam força.

É necessário ampliar o número de pesquisas que reflitam sobre o impacto das mídias digitais como espaços de resistência. Cabe lembrar que as mídias digitais, potencialmente utilizadas para resolver os problemas contemporâneos, ampliando o acesso às informações e à democracia, também podem ser instrumentos de controle e de censura dos governos ou de outros grupos organizados. Ilustrativo, nesse sentido, é o fato de que, em paralelo ao movimento de resistência liderado simbolicamente por Yoani, aparece outro, que a acusa de

postar informações inverídicas em seu blog e de receber ajuda de outros países, sugerindo que ela seria uma espécie de dissidente patrocinada por grupos europeus de extrema direita.

Seja como for, conforme vimos, as mídias digitais podem ser meios conectivos importantes para a criação desses movimentos de resistência inscritos na lógica da biopotência da multidão, os quais são capazes de criar linhas de fuga ao poder, permitindo a emergência de novas subjetividades coletivas e desenhando novas formas de representação biopolítica.

Contudo, isso requer um aprendizado, pois a construção das utopias, de projetos de mundo melhor com maior igualdade, liberdade, solidariedade e justiça social, requer qualificação das práticas cotidianas, ações educativas ampliando a participação dos cidadãos em seus contextos.

## Referências

- ÂNGELO, M. (2007). Biopolítica e sociedade de controle: notas sobre a crítica do sujeito entre Foucault e Deleuze. *Revista Cinética: estéticas da biopolítica*. Disponível em: <[http://www.revistacinetica.com.br/cep/miguel\\_angelo.htm](http://www.revistacinetica.com.br/cep/miguel_angelo.htm)>. Acesso em: 27 maio 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34. v. 1.
- DUARTE, A. (2007). Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI. *Revista Cinética: estéticas da biopolítica*. Disponível em: <[http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre\\_duarte.htm](http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre_duarte.htm)>. Acesso em: 27 maio 2010.
- FOUCAULT, M. (1993). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- HARDT, M. (2000). A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, E. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34. p. 357-372.
- HARDT, M.; NEGRI, A. (2001). *Império*. Rio de Janeiro: Record.
- LÉVY, P. (1996). *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Ciberdemocracia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LUZ, L.; MORIGI, V. (2010). Blogosfera cubana: um novo espaço público para a construção de uma sociedade plural e cidadã. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, v. 17, n. 2, p. 135-143.
- PELBART, Peter Pál (2003). *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras.
- SÁNCHEZ, Y. (2009). Éramos tan pocos. *Generación Y.*, 15 dez. Disponível em: <<http://www.desdecuba.com/generaciony>>. Acesso em: 29 jan. 2010.

LIA LUZ é mestre em Comunicação Social pela PUC-RS e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

liahluz@gmail.com

*Artigo recebido em julho de 2010  
e aprovado em novembro de 2010.*